

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**Faculdade de Ciências Humanas**  
**Curso de Graduação em Filosofia**  
**Ruan Elias Bomfim**

**DOIS ENSAIOS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO  
DO DINHEIRO EM CAPITAL EM MARX**

Campo Grande – MS  
2026

**Ruan Elias Bomfim**

**DOIS ENSAIOS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO  
DO DINHEIRO EM CAPITAL EM MARX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo  
(FACH-UFMS)

Campo Grande – MS  
2026

## **Banca examinadora**

---

Dr. Ricardo Pereira de Melo (FACH/UFMS) – Orientador

---

Dr. Carlos Batista Prado (FACH/UFMS)

---

Dr. Rafael de Almeida Padial (Brooklyn Institute For Social Research/NYC)

## RESUMO

O presente trabalho analisa o problema da transformação do dinheiro em capital, ou a passagem, no âmbito da exposição materialista, da esfera de circulação para a esfera de produção no primeiro livro de *O Capital* de Karl Marx. Nossa hipótese é que, durante a redação do *Urtext*, Marx percebeu uma deficiência teórica na transição do dinheiro ao capital, a saber, apenas representada como D–M–D', a especificidade histórica do modo de produção capitalista não era apreendida. Somente no capítulo IV Marx encontrou uma exposição capaz de dar conta dessa exigência. Aqui, o autor alemão proposital e repetidamente esbarrada na seguinte aporia: como produzir mais-valor a partir da troca de equivalentes? Essas são as “Contradições da fórmula geral”, cuja primeira elaboração remonta aos *Manuscritos de 1861-3*, quando Marx, após abandonar a redação do manuscrito de 1858, dedicou-se a novos estudos vinculados ao tema do capital.

**Palavras-chave:** *O Capital*; Exposição; Método dialético; Capítulo IV; Transformação do dinheiro em capital.

## ABSTRACT

The present work analyses the problem of transformation of money into capital, or the passage, in a materialist exposition, from the sphere of circulation to the sphere of production in volume one of Karl Marx's *Capital*. Our hypothesis is that, during the writing of the *Urtext*, Marx found a theoretical deficiency in the transition of money into capital, viz., simply represented as  $M-C-M'$ , the historical specificity of the capitalist mode of production would not be apprehended. Only in chapter IV Marx found an exposition able to account for such a demand. Here, the German author intentionally and repeatedly bumps into the following aporia: how to produce surplus value from the exchange of equivalents? These are the "Contradictions in the general formula of capital", whose first elaboration dates back to the *Economic Manuscripts of 1861-3*, when Marx, after abandoning the writing of the *Urtext*, dedicated new studies to capital related themes.

**Keywords:** *Capital*; Exposition; Dialectical Method; Chapter IV; Transformation of money into capital

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1: O DEBATE FRANCISCO JOSÉ SOARES TEIXEIRA/HECTOR BENOIT.....</b>	<b>6</b>
1.1. Digressão: sobre a antecipação da exposição.....	8
1.2. Pensando com ou contra Marx?.....	10
1.3. “Teoria” ou “Processo de produção do capital”?.....	13
<b>CAPÍTULO 2: O CAPÍTULO IV E A MEGA<sup>2</sup>.....</b>	<b>16</b>
2.1. Os <i>Grundrisse</i> e a formulação de 1857-8.....	17
2.2. <i>Urtext</i> , <i>Manuscrito de 1861-3</i> e inflexão teórica.....	22
2.3. O capítulo IV e a MEGA <sup>2</sup> .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>

# DEDICATÓRIA

Em memória de meu amigo, Brunno Patrick  
(2003-2024).

## AGRADECIMENTOS

Há várias pessoas com as quais me sinto no dever de expressar gratidão para a realização desta monografia. Em primeiro lugar, ao professor Ricardo Pereira de Melo pela orientação, pelos incentivos e por me apresentar outra forma de ler Marx. Sua influência na produção deste texto foi decisiva. Ao professor André Koutchin de Almeida pela indicação de *A obra-prima desconhecida* de Honoré de Balzac. Ao professor Amir Abdala por atizar minha curiosidade para a teoria crítica. A professora Maíra de Souza Borba pelo auxílio na tradução de termos em francês. Ao professor Ronaldo Moraca por me apresentar maneiras de politizar a filosofia. Bem como aos professores Carlos Prado e Rafael Padial, membros da banca examinadora. A monografia revista incorpora alguns acréscimos e alterações provenientes de seus comentários. Também não poderia deixar de citar Angelina Santos Ló, Guilherme Baís, Herma Aafke, Kauany Souza de Arruda Miranda, Luiz Fernando, Marcio Junior, Michele Heredia, Misai Higa, Ryan dos Santos de Melo e Yasmin Paz, amigas e amigos do dia a dia que deram suas contribuições, cada um à sua forma. O Grupo de Pesquisa em História Econômica Soviética (GPHEs) também merece menção. Por fim, aos meus pais, Elias e Eliana.

## EPÍGRAFE

“Mostrar a minha obra – exclamou o velho emocionado. – Não, não, eu ainda preciso aperfeiçoá-la. Ontem lá pelo final da tarde – ele disse – pensei que tivesse terminado, esta manhã, à luz do dia, reconheci o meu erro”.

*Honoré de Balzac, A obra-prima desconhecida*

## INTRODUÇÃO

Como se sabe, *O Capital* é, entre outras coisas, o resultado de anos de estudo em economia política, cujo primeiro esforço de sistematização se deu uma década antes, entre outubro de 1857 e maio de 1858, naquilo que se convencionou chamar de *Grundrisse*. Esse manuscrito, composto de sete cadernos de anotações – o primeiro dedicado ao “capítulo do dinheiro” e os demais ao mais longo “capítulo do capital” –, deveria compor o primeiro de um conjunto de seis livros dedicados à crítica da sociedade burguesa.<sup>1</sup> Todavia, foi tão somente este primeiro caderno que Marx viu ser publicado, em junho de 1859, sob o título de *Para a crítica da economia política*. O opúsculo, composto de um “Prefácio” e dois capítulos – 1. A mercadoria e 2. O dinheiro ou a circulação simples –, à primeira vista, nada tinha a dizer sobre o capital, de modo que o “capítulo do capital”, tão importante que dava nome tanto a primeira seção – “O capital em geral” – quanto a livro – “Do capital” –, encontrava-se totalmente ausente. Contudo, não por falta de vontade. Entre agosto e outubro de 1858, durante a redação do *Texto Original* de *Para a crítica*, do qual nos resta apenas o fragmento sobrevivente, o chamado *Urtext*, podemos ver não apenas os bastidores de *Para a crítica*, mas o primeiro esforço de elaboração do “capítulo do capital”, mais especificamente, do tópico da transformação do dinheiro em capital. Sendo assim, poder-se-ia perguntar: por que a formulação da transformação do dinheiro em capital não apareceu na versão final de *Para a crítica*, mas apenas na primeira edição de *O Capital* de 1867, quase uma década depois de sua escrita? Concedido que o material ainda precisava ser corrigido, revisado e complementado antes de ser enviado ao prelo, Marx

---

<sup>1</sup> “Considero o sistema da economia burguesa nesta ordem: *capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comércio exterior, mercado mundial*”. MARX, 1974 [1859], pp. 133-134. Este plano original foi, evidentemente, significativamente alterado até a publicação de *O Capital*. Para uma análise dos planos de *O Capital*, ver DE DEUS, 2015.

mesmo alegava que não eram razões teóricas, mas políticas e editoriais que o impediam de publicar o principal capítulo de sua obra.<sup>2</sup>

Em fevereiro de 1867, apenas algumas semanas antes de finalizar o manuscrito definitivo de *O Capital*, Marx escreveu a Engels recomendando-lhe a leitura de alguns contos de Balzac: “A propósito de Balzac, aconselho a você a leitura de *A obra-prima desconhecida* e *Melmoth reconciliado*. São duas pequenas obras-primas repletas de uma ironia deliciosa”.<sup>3</sup> Embora não se saiba se Engels seguiu ou não a sugestão de seu amigo, biógrafos e intérpretes de Marx o fizeram e não puderam deixar de notar certa convergência entre este e Frenhofer, personagem principal de *A obra-prima desconhecida*.<sup>4</sup> No conto, o brilhante pintor Frenhofer, obcecado com a ideia de pintar um quadro com a mais perfeita precisão, trabalha obstinadamente na mesma pintura, de modo a postergar constantemente sua conclusão. “Mostrar a minha obra”, ele exclama àqueles que desejam ver o estado de sua pintura, “não, não, eu ainda preciso aperfeiçoá-la. Ontem, lá pelo final da tarde [...] pensei que tivesse terminado [...], esta manhã, à luz do dia, reconheci o meu erro”.<sup>5</sup> “O que está faltando?”, ele pergunta a si mesmo, “um nada, mas um nada que é tudo”.<sup>6</sup> Ainda, diante do fato de que, nesse incessante adiamento, passaram-se dez anos, o pintor retruca: “o que são meros dez anos quando se trata de lutar com a natureza?”.<sup>7</sup> Ora, não seria irrazoável supor que a “ironia deliciosa” à qual Marx se referia dizia respeito justamente ao fato de que ele, assim como Frenhofer, trabalhara dez anos em sua própria obra-prima desconhecida, adiando-a constantemente, submetendo-a a frequentes novos retoques e se recusando a deixar qualquer um ver o estado em que ela se encontrava.<sup>8</sup> A hipótese deste trabalho é que, ao lado dos

<sup>2</sup> Ver, em especial, a carta de Marx a Joseph Weydemeyer datada de 1 de fevereiro de 1859: “Os capítulos um e dois [...] constituem a matéria dos primeiros cadernos próximos a aparecer. Tu compreenderás as razões *políticas* que me levam a segurar o capítulo 3 sobre o ‘capital’ até que novamente eu tenha um ponto de apoio na Alemanha. [...] É necessário agora que ele [nosso partido] demonstre ser bastante numeroso para comprar suficientes exemplares a fim de tranquilizar os ‘escrúpulos da consciência’ do editor. Da venda dos primeiros fascículos depende a continuação do empreendimento”. MARX; ENGELS, 2020, pp. 136-139 (grifos no original).

<sup>3</sup> Carta de Marx a Engels datada de 25 de fevereiro de 1867, MEGA<sup>1</sup> III.3, p. 376. É sabida a admiração de Marx pela obra de Balzac. Em suas *Reminiscências de Marx*, Paul Lafargue, genro deste, recorda que seu sogro “colocava Cervantes e Balzac acima de todos os outros romancistas. [...] Admirava tanto Balzac que desejou escrever uma resenha de sua grande obra, *A comédia humana*, assim que terminasse seu livro sobre economia”. LAFARGUE, 1956, p. 75.

<sup>4</sup> MUSTO, 2024 [2018], pp. 102-103 e WHEEN, 2007 [2006], pp. 7-10.

<sup>5</sup> BALZAC, 2012 [1831], pp. 18-19. Tendo em vista o contexto do conto, no qual a obra-prima é mantida oculta por seu pintor contra o desejo de seus colegas de ofício de vê-la, optamos por traduzir *Inconnu* – diferentemente da tradução brasileira – por “desconhecida”, ao invés de “ignorada”.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>8</sup> Após a morte de Marx, Engels, encarregado de finalizar os Livros II e III de *O Capital*, escreve em carta a August Bebel datada de 30 de agosto de 1883: “Tu me perguntas como foi possível que ele [Marx] me tenha ocultado,

empecilhos políticos e editoriais mencionados por Marx, somaram-se omitidas dificuldades teóricas que inviabilizaram a publicação do “capítulo do capital” na versão final de *Para a crítica*.

Ainda, algumas observações acerca deste trabalho: além desta introdução e das considerações finais, esta monografia pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, girando em torno da significação filosófica da transformação do dinheiro em capital, tanto em termos de forma – sua disposição ou exposição – quanto em termos de conteúdo – o corpo do texto propriamente dito –; o segundo, debruçando-se sobre a reconstrução desta mesma seção. Os momentos, apesar de divididos, evidentemente se complementam: ao tratar primeiramente da significação filosófica da transição do dinheiro em capital tal qual ela aparece em sua versão final, isto é, no capítulo IV de *O Capital*, reiteramos que o segundo momento refere-se a uma reconstrução feita a luz de *O Capital*, não detendo-se, portanto, nas peculiaridades que são próprias dos manuscritos preparatórios,<sup>9</sup> mas naquilo que permanece, apesar das mudanças, em geral, o mesmo. Por outro lado, dada a forma que encaminhamos esses momentos – tratando em primeiro lugar da mencionada significação filosófica por meio do debate Francisco José Soares Teixeira/Hector Benoit, ou seja, a partir de literatura secundária, e, secundamente, tematizando a reconstrução a partir das fontes primárias mesmas –, os dois capítulos possuem não apenas uma relação de complemento, mas também de certa autonomia entre si. Daí a escolha pelo título *Dois ensaios sobre a transformação do dinheiro em capital em Marx*.

Ademais, tratando-se de um trabalho sobre Marx, não é preciso dizer que seu objeto é histórico, assim como os questionamentos e pressupostos de seu autor. Nossa leitura se beneficia não apenas de mais de 150 anos de literatura crítica sobre *O Capital*, mas da publicação, ainda em andamento, das obras completas de Marx e Engels, a segunda *Marx-Engels-Gesamtausgabe*, em acrônimo, MEGA<sup>2</sup>. Como observou Rugitsky em sua “Introdução” a *O Capital*:

Paradoxalmente, em um momento em que desafios políticos à hegemonia capitalista são relativamente mais débeis, cria-se uma oportunidade de

---

justamente a mim, o estado do material? Muito simples: se eu soubesse, tê-lo-ia assediado dia e noite até que a obra estivesse acabada e impressa”. MARX; ENGELS, 2020, p. 368.

<sup>9</sup> A expressão *manuscritos preparatórios* evidentemente deve ser lida com cuidado, pois, em certo sentido, todos os manuscritos de Marx são preparatórios para *O Capital* – mesmo aqueles que não se propunham, em absoluto, parte deste, como os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Assim, entendemos por *manuscritos preparatórios* aqueles textos que conscientemente foram escritos como preparativos ao projeto de crítica da economia política.

reler o livro [*O Capital*] em seus próprios termos, sem as amarras impostas pelas disputas de interpretação que marcaram sua recepção.<sup>10</sup>

Nesse sentido, nossa interpretação passa ao largo de considerar a obra-prima marxiana um texto exclusivamente, ainda que primordialmente, econômico. Dentre as várias áreas do conhecimento mobilizadas pelo livro, privilegiamos aqui a filosofia, mais precisamente, a tradição filosófica dialética e a herança hegeliana. Por sua vez, a opção de pensar a obra madura de Marx em termos filosóficos, bem como identificar nela inflexões teóricas, tem consequências referentes às divisões que comumente se fazem sobre o pensamento marxiano – consequências essas que estamos conscientes, mas nas quais não entraremos aqui. Ademais, apesar de realizarmos uma análise *a posteriori* da transformação do dinheiro em capital, isto é, de lermos seus manuscritos preparatórios a luz de sua versão final – o que se poderia chamar de um empreendimento de reconstrução categorial –, não o fazemos supondo que os manuscritos da década de 1850 e 1860 encontram-se numa relação de crescente ascendência cujo ponto culminante é *O Capital*.

Naturalmente, muito ainda poderia ser dito sobre a transformação do dinheiro em capital. Um estudo aprofundado desta exigiria trabalhar não apenas com os textos no qual o tema é diretamente abordado, como se fez aqui, mas deveria debruçar-se sobre as diferentes interpretações do sentido da circulação simples, uma vez, como um transpassar desta última para a esfera de produção, o sentido pleno da transformação do dinheiro em capital só pode ser plenamente estabelecido a partir da interpretação que se faz da esfera de circulação. Assim, poder-se-ia polemizar com muito mais autores e toda sorte de leituras que remontam até o século XIX, com Engels; porém, optamos por partir do pressuposto que a esfera de circulação constitui a superfície da sociedade burguesa real – não um período histórico anterior ou uma simples abstração do pensamento – e que *O Capital* ocupa-se da articulação categorial no interior desta mesma sociedade. Tampouco se esgotaram todas as relações possíveis entre o capítulo IV e seus manuscritos preparatórios, sua tradição filosófica específica e seus diferentes níveis de crítica – crítica à economia política, crítica a um estado real de coisas, crítica a setores do progressismo, etc. –, todavia, não se pode falar de tudo, muito menos em uma monografia. Sendo assim, este trabalho deve permanecer, em certa medida, incompleto.

Não obstante, procuramos, à medida de nossas capacidades, justificar cada afirmação contida neste trabalho. Para isso, foram utilizadas exaustivamente notas de rodapé indicando

---

<sup>10</sup> RUGITSKY, 2025, p. 10.

onde se encontra cada asseveração. Também relegados a notas de rodapé as informações que, a nosso juízo, viriam a interromper demais o fluxo do texto, bem como certas formulações mais especulativas e ousadas e, por assim dizer, não oficiais. Por fim, a leitora e o leitor perceberão que certas citações foram modificadas. Quando isso acontecer, haverá, ao final da citação, “modif.” entre parênteses. É o caso das referências bibliográficas que fazem uso da antiquada designação de “mais-valia” ao invés da mais adequada “mais-valor”.

## CAPÍTULO 1

### O DEBATE FRANCISCO JOSÉ SOARES TEIXEIRA/HECTOR BENOIT

É suficientemente conhecido que Marx dava especial importância ao estilo e estrutura de suas obras. Entre dezembro de 1871 e janeiro de 1872 ele preparava a segunda edição do Livro I de *O Capital* e, dentre outras coisas, tomou o conselho que Engels lhe dera em 1867, quando da publicação da primeira edição, de modo a reorganizar toda a estrutura do texto. Agora, os seis capítulos que dividiam as 800 páginas de *O Capital* tornaram-se sete seções subdivididas, por sua vez, em vinte e cinco capítulos.<sup>11</sup> Chama atenção a decisão do autor de, entre os três capítulos que compõem a primeira seção – dedicada à circulação simples de mercadorias – e os cinco capítulos que compõem a terceira seção – dedicada à produção de mais-valor absoluto –, destinar um único capítulo para ocupar inteiramente a segunda seção, dedicada à transformação do dinheiro em capital, a saber, o capítulo IV.<sup>12</sup> Essa divisão, longe de uma idiosincrasia ou disposição arbitrária, expressa parte do movimento dialético realizada pela obra de Marx, ou, como diz Benoit:

na própria disposição das diversas partes da obra *O Capital*, na literalidade do texto último que Marx nos deixou, particularmente, no primeiro livro de *O*

---

<sup>11</sup> Em carta a Marx datada de 16 de junho de 1867, Engels afirma: “Cometeste um grande erro em não tornar mais visível o encadeamento do pensamento, nessas exposições mais abstratas, por meio de um maior número de pequenas subdivisões e de títulos”. MARX; ENGELS, 2020, p. 203. Para as demais alterações, algumas delas não introduzidas efetivamente no texto, ver *Ergänzungen und Veränderungen zum ersten Band des „Kapitals“ (Dezember 1871-Januar 1872)* [Acréscimos e alterações ao primeiro volume de *O Capital* (Dezembro de 1871-Janeiro de 1872)] na MEGA<sup>2</sup> II.6.

<sup>12</sup> Nas edições francesa de 1872-1875, editada e revisada pelo próprio Marx, e inglesa de 1886, coordenada por Engels, esta segunda seção foi levemente alterada. Trata-se, contudo, da transformação dos tópicos do capítulo IV – “A fórmula geral do capital”, “Contradições da fórmula geral” e “Compra e venda da força de trabalho” – em capítulos próprios. No que se refere a edição francesa, é certo que a publicação em fascículos motivou tal alteração, tanto assim que, nem Marx, nem Engels, cogitaram alterar a disposição desta seção para além daquela imposta pela forma de publicação.

*Capital* (o único acabado),<sup>13</sup> estaria ali, nesta literalidade, um conteúdo conceitual fundamental jamais suficientemente compreendido e pensado por grande parte dos próprios marxistas: ali, na própria disposição das partes, estaria a manifestação do pensamento de Marx, enquanto *dever*, enquanto processo *transitório*, em uma expressão, enquanto *movimento dialético*.<sup>14</sup>

De fato, Benoit escreve essas linhas na ocasião de um debate com Francisco José Soares Teixeira, comentador de Marx que, a seu juízo, não compreendeu adequadamente o movimento dialético presente no modo de exposição da obra marxiana. O debate ocorreu em 15 de dezembro de 1996, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Um ano antes, Teixeira havia publicado *Pensando com Marx*, um livro que, como indicado pelo subtítulo, propõe *uma leitura crítico-comentada de O Capital*. Naturalmente, enquanto obra autoral, Teixeira toma certas liberdades nesse empreendimento, dentre elas, a de reorganizar a estrutura expositiva do texto de Marx. Incentivado pelo Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), Benoit confronta sua leitura, expressa num artigo publicado seis meses antes – *Sobre a crítica (dialética) de O capital* –, com aquela de Teixeira, na qual, diferentemente deste, defende o acompanhamento rigoroso do método expositivo estabelecido pelo autor alemão. Embora não tenhamos a transcrição do debate, temos, além dos textos já mencionados, o manuscrito redigido por Benoit para a ocasião do mesmo, publicado em 1999: *Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de O Capital*. Assim, neste ensaio, faremos uma reconstrução, bem como um desenvolvimento desse debate, tendo como ponto fulcral a transformação do dinheiro em capital tematizada no capítulo IV do *magnum opus* marxiano.

---

<sup>13</sup> A afirmação de Benoit deve ser complexificada. Se, por um lado, o Livro I é “o único acabado” dos três volumes de *O Capital*, do contrário Marx não o teria publicado, por outro lado, este mesmo Livro I, apesar de acabado, se encontra incompleto, no sentido de que nenhuma de suas edições constitui uma versão definitiva da obra, como fica patente na carta de Marx endereçada a Nikolai Frantsevich Danielson, datada de 13 de dezembro de 1881: “Meu editor alemão me informa que uma terceira edição de *O Capital* tornou-se necessária. Isso acontece num momento muito inoportuno. Em primeiro lugar, preciso me recuperar, e em segundo lugar, gostaria de terminar o segundo volume o mais rápido possível [...]. De qualquer forma, vou acertar com meu editor que farei o menor número possível de alterações e acréscimos para a terceira edição, mas que, por outro lado, ele desta vez imprima apenas 1.000 exemplares em vez de 3.000, como queria originalmente. Quando esses 1.000 exemplares da terceira edição forem vendidos, talvez eu reformule o livro da maneira como teria feito agora, se as circunstâncias fossem outras”. MEW 35, pp. 245-246.

<sup>14</sup> BENOIT, 1999, p. 82 (grifos no original).

## 1.1. Digressão: sobre a antecipação da exposição

Como tantas obras, *Pensando com Marx* começa com um preâmbulo, denominado por seu autor de “Prolegômenos de uma leitura crítica”. É ali que Teixeira irá não apenas antecipar a exposição marxiana, mas reorganizar sua estrutura. Sendo assim, antes de acompanharmos e desenvolvermos a crítica de Benoit a Teixeira, que se inicia com a reestruturação do modo de exposição, valeria a pena destacar que a escolha deste último por começar seu comentário da obra marxiana antecipando seu modo de exposição é controversa, ainda mais quando seu livro se propõe a *pensar* com Marx e *ler O Capital*. Essa digressão, a nosso ver, antes de mera prolixidade, articula-se muito bem com a incompreensão do sentido da exposição denunciada por Benoit.

O método ou modo de exposição é, na tradição dialética, a unidade entre crítica e apreensão de determinado objeto<sup>15</sup> e, enquanto tal, este somente é inserido na exposição à medida em que é necessário.<sup>16</sup> Assim, a título de exemplo, apesar de dar nome à obra, o conceito marxiano de capital apenas é introduzido quando todos seus pressupostos – mercadoria, dinheiro, circulação simples de mercadorias, crescente autonomia do dinheiro em relação à circulação etc. – foram efetivamente postos. Ele é o desenvolvimento dessas categorias, ou melhor, da antítese presente nessas categorias. Introduzi-lo antes do tempo significaria, portanto, uma ruptura com a exposição, ela própria um momento deste.<sup>17</sup> Logo, o modo de exposição não é uma questão didática ou pedagógica, mas o desdobramento das exigências de um método filosófico específico.<sup>18</sup> Daí que, em várias ocasiões, Marx antecipa uma possível extrapolação da exposição por parte de suas leitoras e leitores: tal categoria ou fenômeno ainda não existe neste nível da exposição.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> “Nada mais fácil do que julgar o que tem conteúdo e solidez; apreendê-lo é mais difícil; e o que há de mais difícil é produzir sua exposição, que unifica a ambos”. HEGEL, 2014 [1807], p. 25. Na pena do próprio Marx em carta a Lassalle datada de 22 de fevereiro de 1858: “Este trabalho de que trato aqui volta-se, em primeiro lugar, para a *crítica das categorias econômicas* ou, se quiseres [*if you like*], o sistema da economia burguesa apresentado de forma crítica. É, ao mesmo tempo, um quadro do sistema e a sua crítica através da sua exposição mesma”. MARX; ENGELS, 2020, p. 117 (grifos no original).

<sup>16</sup> “A exposição, fiel à visão da natureza do especulativo, deve manter a forma dialética e nada incluir a não ser na medida em que é concebido e que é o conceito”. HEGEL, 2014 [1807], p. 63 (modif.).

<sup>17</sup> FAUSTO, 2015 [1983], p. 193.

<sup>18</sup> HEINRICH, 2024 [2004], p. 49. Como salienta Müller, a exposição é um “dos elementos constitutivos ou dimensões da dialética como método”. MÜLLER, 2024 [1982], p. 51.

<sup>19</sup> Entre outras, “A categoria salário ainda não existe de forma alguma nesta altura de nossa exposição” (modif.) e “Mesmo se a mercadoria é vendida repetidas vezes, um fenômeno que não existe ainda aqui para nós [...]”. MARX, 2025 [1890], pp. 677 e 689.

Sendo assim, fica claro que a exposição de *O Capital* enquanto objeto só pode ser efetivamente tematizada ao final, quando já se apreendeu o movimento dialético das categorias e suas relações entre si.<sup>20</sup> Não por acaso, uma das poucas ocasiões em que Marx tematiza, com certa extensão, a exposição de sua obra é em seu fim, isto é, não no “Prefácio” de 1859, ou no “Prefácio da primeira edição”, tampouco no “Prefácio da edição francesa”, mas tão somente no “Posfácio da segunda edição”. Talvez consciente disso, o próprio Teixeira procura justificar sua decisão em seus “Prolegômenos”. Para ele:

A não observância do seu [Marx] método [de exposição] tem sido responsável por visões equivocadas de determinadas questões. [...] Para compreendê-los, no sentido desejado por Marx, é preciso encontrar o lugar em que essas questões se inserem numa apresentação dialética, como é a de *O Capital*. Daí a necessidade de se começar o estudo de *O Capital*, por uma antecipação de seu método de exposição.<sup>21</sup>

De fato, apesar das constantes advertências de Marx em seus mais variados prefácios,<sup>22</sup> o modo de exposição de sua obra nunca foi efetivamente respeitado por uma parcela significativa de seus leitores, fossem eles detratores ou seguidores.<sup>23</sup> Daí a escolha de Teixeira por uma contradição performativa na qual a única forma de tornar inteligível a exposição marxiana seria justamente através de sua transgressão. Contudo, apesar das louváveis intenções de Teixeira, mesmo a

---

<sup>20</sup> HEINRICH, 2024 [2004], p. 50.

<sup>21</sup> TEIXEIRA, 1995, pp. 36-37.

<sup>22</sup> No “Prefácio” de 1859 de *Para a crítica*, Marx afirma: “Suprimo uma introdução geral que havia rabiscado, pois, graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral”. MARX, 1974 [1859], p. 134. Oito anos depois, no “Prefácio da primeira edição” de *O Capital*, ele alerta mais uma vez: “Todo começo é difícil; isso vale para qualquer ciência. O entendimento do capítulo 1, em especial a parte que contém a análise da mercadoria, apresentará, portanto, a dificuldade maior. Quanto ao que se refere mais especificamente à análise da substância do valor e da grandeza do valor, procurei torná-las acessíveis ao máximo. [...] Por isso, com exceção da parte relativa à forma-valor, não se poderá acusar este livro de difícil compreensão. Pressuponho, naturalmente, leitores que queiram aprender algo de novo e queiram, portanto, pensar por conta própria”. MARX, 2025 [1890], pp. 63-64. Por fim, no “Prefácio da edição francesa”, ele adverte novamente: “o método que utilizei e que ainda não havia sido aplicado aos assuntos econômicos torna bastante árdua a leitura dos primeiros capítulos, e é de se temer que o público francês, sempre impaciente em chegar às conclusões imediatas que o apaixonam, venha a desanimar em prosseguir a leitura porque tudo não se encontra logo no começo. Essa é uma desvantagem contra a qual nada posso fazer, exceto prevenir e acautelar os leitores sequiosos da verdade”. *Ibidem*, p. 76. Salta aos olhos, portanto, o tipo de leitor pressuposto pelo *O Capital*, a saber, um leitor infatigável.

<sup>23</sup> Cujos exemplos mais cabais talvez seja a controversa “Advertência aos leitores do Livro I de *O Capital*” de Althusser, a nosso ver, erroneamente inserida como um dos textos introdutórios na edição de *O Capital* da Boitempo.

antecipação do método de exposição de Marx não o poupou, como veremos, das mesmas incompreensões denunciadas por ele.<sup>24</sup>

## 1.2. Pensando com ou contra Marx?

Dito isto, passemos para a crítica de Benoit propriamente dita. Como citado anteriormente, para ele, o acompanhamento rigoroso do modo de exposição estabelecido por Marx não constituía uma defesa dogmática e/ou ortodoxa da economia interna do texto marxiano, mas tratava-se de chamar atenção para um aspecto frequentemente negligenciado de sua obra que manifesta um “conteúdo conceitual fundamental”: seu movimento dialético. Como se fosse o caso de lembrar que as leituras mais potentes são justamente aquelas que se preocupam menos em revisar e corrigir o texto e mais em aprofundar aquilo que já foi abordado. Assim, a não observância do método de exposição de Marx acarretaria, inevitavelmente, a perda de vista de uma dimensão do movimento dialético realizado pelo mesmo.

É nesse contexto que somos introduzidos à reorganização de Teixeira, em “três partes”, do Livro I de *O Capital*: “a primeira, compreendendo a seção I; a segunda, que abrange as seções que vão da II à VI, e a terceira, correspondendo à última seção do livro, a seção VII. Na primeira parte, Marx expõe a circulação simples, como aparência imediata do sistema”; na segunda parte, Marx expõe a esfera de produção, aquilo que Teixeira denomina de “essência do sistema”; e, finalmente, na última parte, “Marx reconstitui o caminho até aí percorrido, agora com o objetivo de mostrar que o mundo da aparência e o da essência não são dois mundos simplesmente diferentes. Aparência e essência são tratadas na sua forma histórica como se põem no mundo do

---

<sup>24</sup> Outra incompreensão significativa de Teixeira presente nestes “Prolegômenos” refere-se ao objeto de *O Capital*. Ele escreve: “o estudo dos problemas tratados por uma obra nunca é completo, uma vez que as relações histórico-sociais colocam para os indivíduos ‘novos fenômenos’ e, conseqüentemente, novas questões. Nessa perspectiva, toda leitura tem que ser necessariamente insuficiente, já que é feita a partir de determinadas questões, que provém de um contexto histórico específico”. Até aqui tudo bem, mas então ele prossegue: “Não foi justamente isso que fez Lenin, ao ler os novos fenômenos do capitalismo de sua época, que não estavam nem poderiam estar contemplados em *O Capital*? O que dizer de Hilferding e tantos outros marxistas que procuram atualizar a obra de Marx?” TEIXEIRA, 1995, p. 35. Não ocorre a Teixeira que o motivo pelo qual certos fenômenos não estão contemplados em *O Capital* se deve menos ao fato de que esta fora uma obra produzida na segunda metade do século XIX, e mais ao fato de que esta não pretende discorrer sobre, como diz o próprio Marx, o “grau mais elevado ou mais baixo de desenvolvimento dos antagonismos sociais que decorrem das leis naturais da produção capitalista. Aqui se trata dessas leis mesmo”, e ele reitera na página seguinte: “a finalidade última desta obra é descobrir a lei econômica do movimento da sociedade moderna”. MARX, 2025 [1890], pp. 64 e 65. Noutras palavras, o objeto marxiano em *O Capital* são as características fundamentais que determinam o modo de produção capitalista, sem o qual não se poderia falar de capitalismo como algo geral. Nesse sentido, a única atualização possível da obra de Marx seria aquela que identifica na exposição uma ausência ou extrapolação das determinações essenciais do modo de produção capitalista.

capital”.<sup>25</sup> Note-se que Teixeira dispõe a seção II juntamente com aquelas respeitantes à esfera de produção, isto é, as seções que vão da III à VI. É certo que ele tinha suas razões para fazê-lo. Como já indicado, até o capítulo IV, único compreendido pela segunda seção, *O Capital*, apesar de seu título, não apresenta nenhuma teoria sobre o capital, tampouco menciona coisa alguma sobre a figura do capitalista, de modo que, *prima facie*, é tentador conjugá-lo com os demais. Contudo, escapou a Teixeira que esta seção segunda, de um só capítulo, havia sido estrategicamente – e não acidentalmente – posicionada entre os três capítulos que compõem a seção I e os cinco capítulos que compõem a seção III precisamente para ressaltar a transição entre a esfera de circulação e a esfera de produção. Não à toa, neste capítulo, Marx repetidas vezes refere-se como fora, e não dentro, da esfera de produção:

Abandonemos então, junto com o possuidor de dinheiro e o possuidor da força de trabalho, essa esfera ruidosa, existente na superfície e acessível a todos os olhos, para seguir os dois ao local oculto da produção, em cujo limiar se pode ler: *No admittance except on business* [Proibida a entrada, a não ser a negócios]. [...]

Ao sair dessa esfera da circulação simples ou da troca de mercadorias, da qual o livre-cambista *vulgaris* extrai concepções, conceitos e critérios para seu juízo sobre a sociedade do capital e do trabalho assalariado, a fisionomia de nossa *dramatis personae* [personagem do drama] já se transforma em algo, assim parece.<sup>26</sup>

Ao perder de vista tal momento, Teixeira incorre numa confusão. Segundo ele, “na primeira parte”, ou seja, em sua disposição, a primeira seção, “Marx expõe a circulação simples, como aparência imediata do sistema”. Até aqui tudo bem. Contudo, ele dirá que, “no nível dessa aparência, é o estudo das leis da produção de mercadorias e do dinheiro, os objetos que constituem o ponto de partida de sua exposição”.<sup>27</sup> Ora, isso é pura e simplesmente falso. O ponto de partida de Marx é tão somente a “riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista”, riqueza essa que “aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’, e a mercadoria singular como sua forma elementar”.<sup>28</sup> Tampouco é o dinheiro um dos pontos de partida da exposição marxiana. Ao contrário, desde os *Grundrisse*, Marx reconheceu a necessidade de iniciar sua exposição derivando a forma-dinheiro, embora, naquela ocasião,

<sup>25</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 38.

<sup>26</sup> MARX, 2025 [1890], p. 204 (modif.).

<sup>27</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 38.

<sup>28</sup> MARX, 2025 [1890], p. 99 (modif.).

acreditasse poder começar pelo conceito de valor, e não pela categoria mercadoria. De todo modo, nada tem que ver com supostas “leis da produção de mercadorias e do dinheiro”.<sup>29</sup> Longe disso, como citado acima, Marx refere-se a esse momento justamente como a “esfera da circulação simples ou da troca de mercadorias”.

No entanto, ainda não exaurimos as confusões de Teixeira. Ele prossegue dizendo que “Referido estudo” – aquele que ele caracterizou de “primeira parte” – “revela que, nessa esfera, o que unicamente reina é liberdade, igualdade, propriedade e Bentham”. De fato, a primeira parte caracteriza – e não exatamente “revela”, no sentido de tirar o véu – dessa forma a esfera de circulação; entretanto, não nos termos citados por ele. Ao contrário, esses – “liberdade, igualdade, propriedade e Bentham” – encontram-se justamente ao final da segunda seção classificada por ele como pertencente à “segunda parte”, isto é, aquela que abrange das seções II à VI. Apesar disso, chama atenção como, à sua maneira, Teixeira é levado a afirmar que seção II realmente não compõe um momento da esfera de produção, como se o caráter transitório desta – e, portanto, do capítulo IV por ela conjugado – se fizesse sentir mesmo na ausência de percepção de seu comentador. Isso pois, na mesma página, ele dirá que esta seção constitui “o primeiro passo para adentrar no mundo da *essência do sistema*”,<sup>30</sup> ou seja, não adentramos ainda. Esse reconhecimento forçado, por assim dizer, se repete no tratamento de Teixeira da transformação do dinheiro em capital propriamente dita. Lá, ele não apenas intitulará tal momento como “a porta de entrada ao mundo não (imediatamente) visível da produção capitalista”,<sup>31</sup> mas a descreve como “a ante-sala que prepara o leitor para abandonar a esfera ruidosa da circulação de mercadorias, imediatamente visível e acessível a todos os olhos, e ingressar no mundo oculto da produção capitalista”.<sup>32</sup> Ou, como dirá Benoit alguns anos mais tarde, a transição para o capital opera no limiar entre a esfera de circulação e a esfera de produção, como um transpassar entre essas regiões que não pode, entretanto, ser plenamente identificado com nenhuma delas,

---

<sup>29</sup> É possível que, ao escrever essas linhas, Teixeira estivesse sob a influência da leitura de Ruy Fausto acerca da esfera de circulação, para quem é possível falar, em certo sentido, da esfera de circulação como “produção simples de mercadorias”, uma vez que o texto deste último encontra-se entre as referências daquele primeiro. Contudo, o desenvolvimento conceitual de Ruy Fausto para chegar a essa conclusão não é aqui replicado, tampouco ele é citado neste momento específico, nos restando, portanto, apenas a especulação. Para a justificação de Ruy Fausto da esfera de circulação como “produção simples de mercadorias”, ver FAUSTO, 2015 [1983], pp. 262-263.

<sup>30</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 38 (grifos no original).

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

consequentemente, um momento negativo e transitório que dissolve o princípio de não-contradição. “Trata-se de um ente que, em certo sentido, não-é”.<sup>33</sup>

### 1.3. “Teoria” ou “Processo de produção do capital”?

Porém, poder-se-ia dizer que os equívocos acima mencionados são apenas casos pontuais que, como vimos a partir da descrição de Teixeira do capítulo IV, a própria exposição marxiana faz questão de colocá-las de volta em sua órbita. Em realidade, a linguagem, as divisões e as considerações tecidas por Teixeira se coadunam numa grande teia de incompreensões que dizem respeito à exposição de *O Capital* como um todo e ao processo por ela colocado em movimento. *Pensando com Marx* é disposto em três grandes partes, cada uma abrangendo um livro distinto de *O Capital*: “A teoria da produção do capital”, “A teoria da circulação do capital” e, finalmente, “O processo global da produção capitalista”,<sup>34</sup> respectivamente. Salta aos olhos a similaridade dos dois primeiros títulos, e a completa identidade do último, com os títulos oficiais de cada volume da obra-prima marxiana. A diferença reside no fato de que, nos dois primeiros livros, Marx não descreve “teorias” mas, “processos” – “O processo de produção do capital” e “O processo de circulação do capital”, respectivamente. Trata-se, evidentemente, de uma diferença pequena, contudo, de bastante significância, na medida em que as categorias marxianas de fato se encontram em movimento<sup>35</sup> e realizam um processo. A título de exemplo, no capítulo primeiro de *O Capital*, a mercadoria, inicialmente descrita como mero valor de uso, um “objeto externo, uma coisa”,<sup>36</sup> tomada, portanto, em sua “imediatez mais aparente, na sua positividade mais absoluta”,<sup>37</sup> logo mais é redefinida como “algo dúplice”,<sup>38</sup> isto é, valor de uso e valor de troca e, mais adiante, sua definição é novamente suprassumida: “Quando, no início deste capítulo [...] havíamos dito que a mercadoria é valor de uso e valor de troca, isso era, a rigor, falso”,<sup>39</sup> a mercadoria é, na verdade, a antítese entre valor de uso e valor. Ainda, paralelo a essa paulatina

---

<sup>33</sup> BENOIT, 2007, p. 2.

<sup>34</sup> Na edição de *O Capital* da Editora Ubu o título do terceiro livro foi alterado para “O processo da produção capitalista como um todo” para “evitar associações indevidas com o processo de globalização”. MARX, 2025 [1890], p. 59.

<sup>35</sup> “Assim, aquela antecipação – de que o absoluto é sujeito – longe de ser a efetividade desse conceito, torna-se até mesmo impossível, já que põe o absoluto como um ponto em repouso; e, no entanto, a efetividade do conceito é o automovimento”. HEGEL, 2014 [1807], p. 35.

<sup>36</sup> MARX, 2025 [1890], p. 99.

<sup>37</sup> BENOIT, 1996, p. 18.

<sup>38</sup> MARX, 2025 [1890], p. 104.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 120.

dissolução da aparência imediata da mercadoria, é derivado o duplo caráter do trabalho, bem como a forma-dinheiro. Inequivocadamente, a opção por “processo” não é mera casualidade, mas escolha deliberada. *O Capital* de fato exprime processos.

Entretanto, toda essa diferença entre “teoria” e “processo” seria inofensiva se, ao fim e ao cabo, *Pensando com Marx* expressasse tal processo por meio de sua “teoria da produção do capital”. Contudo, consultando o primeiro capítulo de *Pensando com Marx* – “A aparência do modo de produção capitalista: a circulação simples de mercadorias” –, fica claro que este não é o caso. Em vez de começar pela análise da mercadoria, cuja investigação desdobra gradualmente as demais categorias, Teixeira novamente se antecipa e opta por tratar, antes de tudo, da “especificidade da sociabilidade capitalista”, uma “sociabilidade objetivamente mediada”. Nela somos introduzidos ao trabalho, a “categoria fundante da sociabilidade humana”<sup>40</sup> e, logo em seguida, à “forma específica de sociabilidade” constituída pelo mercado.<sup>41</sup> Somente após estes novos prolegômenos é que o autor efetivamente começa a ler *O Capital* e acompanhar a análise da mercadoria. Sem eles, ele argumenta, “não se pode apreender as verdadeiras determinidades das categorias mercadoria, trabalho abstrato, valor e valor de troca, dinheiro etc. como expressão das relações sociais fetichizadas”;<sup>42</sup> isto é, supostamente, não seria possível apreender as “verdadeiras determinidades” das categorias marxianas acompanhando o processo engendrado pelo modo de exposição do próprio Marx. O absurdo dessa posição é evidente no momento em que enunciada.

A essa altura, percebe-se claramente que a antecipação constante dos resultados da exposição não é mero acaso, tampouco sua linguagem mero descuido, mas elemento orgânico de certa incompreensão acerca desta – incompreensão essa marcada pela ignorância de que “o que está *pressuposto* é posto pelo próprio processo de *exposição*”.<sup>43</sup> Com efeito, no método dialético, o começo pressupõe o fim.<sup>44</sup> O fim é, conseqüentemente, princípio, na medida em que dele depende o começo. “Portanto”, dirá Benoit, “o princípio (que é fim) está lá já encadeado ao começo desde o começo, desta maneira, desde o começo está lançado e encadeado, com férrea necessidade, todo o movimento do primeiro livro”.<sup>45</sup> Julgue-se assim uma leitura de *O Capital*

<sup>40</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 49.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>43</sup> BENOIT, 1999, pp. 88-89 (grifos no original).

<sup>44</sup> “O verdadeiro é o vir-a-ser de si mesmo, o círculo que pressupõe seu fim como sua meta, que o tem como princípio, e que só é efetivo mediante sua atualização e seu fim”. HEGEL, 2014 [1807], pp. 32-33.

<sup>45</sup> BENOIT, 1996, pp. 21-22.

que, a todo momento, recorta e antecipa momentos do texto ao invés de acompanhar o movimento “lançado e encadeado” desde o início. A exposição, enquanto dimensão constitutiva da dialética como método, tem seu fim pressuposto desde o princípio, e, como dito anteriormente, os põe assim que se fazem necessários para o seu andamento. Daí que, a rigor, prolegômenos na tradição dialética são, na verdade, atestados de incompreensão.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> FAUSTO, 2015 [1983], p. 33.

## CAPÍTULO 2

### O CAPÍTULO IV E A MEGA<sup>2</sup>

Em 14 de janeiro de 1859, exatamente uma semana antes de terminar o manuscrito definitivo de *Para a crítica*,<sup>47</sup> Marx anunciou a Engels o conteúdo de seu futuro livro: “O manuscrito terá cerca [about] de 12 *placards* na impressão<sup>48</sup> (três fascículos) e – não caias para trás –, apesar de seu título, ‘O capital em geral’, ainda não contém *nada* sobre o capital, mas somente os dois primeiros capítulos: 1. *A mercadoria* e 2. *O dinheiro ou a circulação simples*”.<sup>49</sup> Embora, a rigor, não seja inteiramente verdade que o texto não contenha nada sobre o capital – tratando do dinheiro enquanto meio circulante, o circuito D–M–D é mencionado *en passant*<sup>50</sup> –, a advertência de Marx para que seu amigo não caísse enquanto lia sua carta fora indubitavelmente feliz. O capítulo sobre o capital, tão importante que dá nome tanto à primeira seção – “O capital em geral” – quanto ao livro – *Para a crítica da economia política* deveria constituir o primeiro volume de um livro maior intitulado “Do capital”<sup>51</sup> –, encontrava-se ausente do manuscrito por “razões políticas”: “os cães não poderão reduzir sua crítica a simples insultos a nossa tendência” – o comunismo – “e, como o conjunto possui um tom extremamente [exceedingly] sério e científico, obrigo essa canalha [*canaille*] a levar ulteriormente mais a sério [rather seriously] meus conceitos sobre o capital”.<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> “O infeliz manuscrito está terminado”, diz Marx a Engels numa carta datada de 21 de janeiro de 1859, MEGA<sup>2</sup> III.9, p. 277.

<sup>48</sup> Isto é, 192 páginas, uma vez que cada *placard* equivale, em termos de impressão, a 16 páginas.

<sup>49</sup> MARX; ENGELS, 2020, p. 165 (grifos no original).

<sup>50</sup> MARX, 1974 [1859], p. 187.

<sup>51</sup> No “Prefácio” de *Para a crítica* Marx escreve: “A primeira parte do Livro Primeiro, que trata do capital, compõe-se dos seguintes capítulos: 1.º a mercadoria; 2.º o dinheiro ou a circulação simples; 3.º o capital em geral”. MARX, 1974 [1859], p. 134 (modif.).

<sup>52</sup> MARX; ENGELS, 2020, p. 135. Ver também, nesta coletânea, a carta de Marx a Joseph Weydemeyer datada de 1 de fevereiro de 1859 presente na página 136: “Os capítulos um e dois – aproximadamente [about] dez *placards* de impressão – constituem a matéria dos primeiros cadernos próximos a aparecer. Tu compreenderás as razões *políticas* que me levam a segurar o capítulo 3 sobre o ‘capital’ até que novamente eu tenha um ponto de apoio na Alemanha.”,

Apesar dessas dificuldades, Marx declara na mesma carta que “se a coisa for bem, poderá seguir rapidamente o terceiro capítulo sobre o capital”.<sup>53</sup> De fato, em virtude dos “escrúpulos de consciência” do editor, o contrato definitivo dependia do sucesso deste primeiro opúsculo.<sup>54</sup> Contudo, para a decepção de seu autor, *Para a crítica* foi, em termos de impacto, um grande fracasso, recebido pela intelectualidade alemã não com ataques, mas com um silêncio que prejudicou em muito sua divulgação. Não somente seus adversários políticos, mas mesmo os amigos de Marx se decepcionaram,<sup>55</sup> e a única resenha publicada acerca do texto foi escrita por Engels.<sup>56</sup> Assim, tendo em vista a “conspiração do silêncio”,<sup>57</sup> as “razões políticas” e a conhecida saúde vacilante de Marx, não seria de se admirar que o conceito marxiano de capital viesse à luz do dia tão somente oito anos depois, no capítulo IV da primeira edição de *O Capital*. Todavia, chama atenção o fato de que, ao lado desses empecilhos, encontramos constantes reformulações do capítulo do capital – tanto da transformação do dinheiro em capital quanto do conceito marxiano de capital –, de modo que, ao lado desses obstáculos, poder-se-ia elencar um terceiro: razões teóricas também inviabilizaram, em maior ou menor grau, a continuação de *Para a crítica*. Neste ensaio, nos ocuparemos apenas da transformação do dinheiro em capital.

## 2.1. Os *Grundrisse* e formulação de 1857-8

A primeira formulação de Marx acerca da transformação do dinheiro em capital enquanto objeto da crítica da economia política remonta aos chamados *Grundrisse* de 1857-8. Estimulado pela expectativa da deflagração de um movimento revolucionário em virtude da eclosão da primeira crise financeira internacional da história – a crise de 1857 – Marx trabalhou “como louco” durante o inverno de 1857-8, reunindo seus estudos econômicos para “ao menos ter os

---

bem como a carta a Ferdinand Lassalle datada de 28 de março de 1859 na página 143: “Tu te darás conta de que a primeira seção não compreende ainda o capítulo principal. Isto é, o terceiro, no qual se trata do *capital*. Considerei que era melhor assim, por razões *políticas*, porque a batalha propriamente dita começa com este capítulo três e me pareceu prudente não amedrontar já de entrada [*de prime abord*]” (grifos no original).

<sup>53</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>54</sup> Ibidem, pp. 136-139.

<sup>55</sup> Carta de Marx a Engels datada de 22 de julho de 1859: “Liebknecht declarou a Biskamp que ‘nunca um livro o havia *decepcionado* tanto até agora’ e Biskamp mesmo de disse que não via sua utilidade [*à quoi bon*]”. Ibidem, p. 144 (grifos no original).

<sup>56</sup> Ver ENGELS, 2008 [1859].

<sup>57</sup> Essa foi a expressão utilizada por Marx, em carta a Kugelmann datada de 28 de dezembro de 1862, para se referir a recepção alemã de seu texto: “A conspiração do silêncio [*la conspiration du silence*] com que me honra a chusma literária alemã, assim que percebeu que os insultos não resolvem a questão, me é desfavorável no plano editorial, mesmo deixando de lado a tendência política dos meus trabalhos”. MARX; ENGELS, 2020, p. 165.

fundamentos (*Grundrisse*) claros antes do dilúvio”.<sup>58</sup> Como resultado desse esforço de sistematização, o autor alemão escreveu mais em sete meses do que em todos os anos precedentes, a saber, sete cadernos de anotações – o primeiro dedicado ao “capítulo do dinheiro” e os demais ao mais longo “capítulo do capital” – que deveriam compor o primeiro de um conjunto de seis livros dedicados à crítica da sociedade burguesa, nomeadamente, o livro sobre o capital.<sup>59</sup>

Aqui, no que se refere à transformação do dinheiro em capital, Marx passa as primeiras páginas caracterizando a esfera de circulação como um momento no qual “as antíteses da sociedade burguesa aparecem apagadas”.<sup>60</sup> Nesse sentido, “os indivíduos [...], entre os quais esse processo transcorre, são determinados simplesmente como trocadores” e, enquanto tais, “tem a mesma relação social com o outro que o outro tem com ele. A relação como trocadores é, por isso, a relação de *igualdade*. É impossível detectar qualquer diferença ou mesmo antagonismo entre eles, nem sequer uma dissimilaridade”.<sup>61</sup> Evidentemente, articulação categorial e modo adequado de exposição não estavam na ordem do dia durante a redação desse texto, tampouco poderiam estar, dado que o modo de exposição provém do próprio objeto a ser exposto, não podendo jamais ser estabelecido durante o processo de investigação. Daí que, diferentemente de *O Capital*, onde as premissas da transformação do dinheiro em capital são estabelecidas em capítulos anteriores, nos *Grundrisse*, não só as premissas são novamente postas, como tal momento sequer é tematizado dentro de uma divisão própria, mas no interior do “capítulo do capital”.<sup>62</sup>

Segundo Grespan em sua “Apresentação” de *Para a crítica*, “a relação entre a forma ‘simples’ – a circulação simples de mercadorias – e a forma mais complexa, a da circulação do capital propriamente dito” como elaborada no manuscrito de 1857-8 “configura-se como um problema”.<sup>63</sup> *Prima facie*, este não parece ser o caso. Após caracterizar a esfera de circulação

---

<sup>58</sup> Em sua integridade, a frase da carta de Marx a Engels datada de 8 de dezembro de 1857 lê: “Estou trabalhando como louco durante as noites, resumindo meus estudos econômicos para que eu possa ao menos ter os fundamentos claros antes do dilúvio”, MEGA<sup>2</sup> III.8, p. 210. O título posteriormente conferido ao manuscrito de 1857-8, *Grundrisse*, literalmente “planta baixa”, foi inspirado nesta carta.

<sup>59</sup> “Considero o sistema da economia burguesa nesta ordem: *capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comércio exterior, mercado mundial*”. MARX, 1974 [1859], pp. 133-134. Este plano original foi, evidentemente, significativamente alterado até a publicação de *O Capital*. Para uma análise dos planos de *O Capital*, ver DE DEUS, 2015.

<sup>60</sup> MARX, 2011 [1857-8], p. 184.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 185 (grifos no original).

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 183

<sup>63</sup> GRESPAN, 2024, p. 12.

como uma região em que impera, entre outros, o princípio de igualdade, Marx parte para articular a relação entre a circulação simples e a esfera de produção. Aqui, ele dirá que “*a circulação é o fenômeno de um processo transcorrendo por trás dela*”, cujos “*próprios momentos lhe são* pressupostos, não são postos por ela mesma”.<sup>64</sup> Assim, a circulação nada mais seria que um “processo superficial sob o qual, no entanto, na profundidade, sucedem processos inteiramente diferentes, nos quais desaparece essa aparente igualdade [...] dos indivíduos”.<sup>65</sup> Contudo, tais “processos inteiramente diferentes” não constituem uma ruptura entre o “processo superficial” – a circulação simples – e a “profundidade” – a produção capitalista. Longe disso, “o sistema monetário<sup>66</sup> é de fato o sistema da igualdade [...], e as perturbações a ele imanentes, justamente a efetivação da [...] *igualdade*, que se patenteiam como desigualdade”.<sup>67</sup> Assim, muito pelo contrário, Marx parecia já ter uma concepção significativamente avançada da relação entre esfera de circulação e esfera de produção.

Um olhar mais atento revela, entretanto, tratar-se de uma concepção avançada no que diz respeito ao movimento lógico da relação, mas não ao movimento histórico. Como se sabe, no desdobramento de suas funções, o dinheiro paulatinamente torna-se a figura principal da circulação simples, chegando, na configuração de dinheiro enquanto tal, a uma forma relativamente autônoma em relação a ela. Contudo, a “última forma” do dinheiro é aquela em que “o dinheiro que entra na circulação e ao mesmo tempo dela retorna a si [...] supera a si mesmo. É ao mesmo tempo o primeiro conceito de capital e a sua primeira forma fenomênica”.<sup>68</sup> Assim, após passar do dinheiro como dinheiro para o dinheiro como capital e inverter a fórmula M–D–M para D–M–D, Marx pensava que poderia transicionar, sem maiores problemas, da esfera de circulação para a esfera de produção, uma vez que, formulada como M–D–M, a única distinção possível entre os extremos, o primeiro e o segundo M, é qualitativa, isto é, trocam-se mercadorias de valores de uso distintos; por seu turno, formulada como D–M–D, a única distinção possível entre os extremos, o primeiro e o segundo D, é quantitativa, isto é, troca-se menos dinheiro por mais dinheiro. Logo, a forma da circulação seria, na verdade, D–M–D’. Por sua vez, a inversão da fórmula M–D–M para D–M–D’ seria, simultaneamente, inversão da

<sup>64</sup> MARX, 2011 [1857-8], p. 196 (grifos no original).

<sup>65</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>66</sup> Nos *Grundrisse*, Marx frequentemente se refere à esfera de circulação como o “sistema monetário” na qual os indivíduos encontram-se em “relações monetárias mais simples”.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 191 (grifos no original).

<sup>68</sup> Ibidem, p. 195

finalidade da circulação: o valor de troca, e não o valor de uso, passa a figurar como fim do processo; a valorização do valor, e não a satisfação das necessidades, torna-se finalidade da circulação. O dinheiro que, por meio da circulação, se conserva e se multiplica é, portanto, capital. Todavia, como o próprio Marx reconhece, “*esse movimento de comprar para vender*” – D–M–D’ – “*constitui a determinação formal do comércio, o capital como capital comercial*”, que “*verifica-se nas condições mais incipientes do desenvolvimento econômico*”. Trata-se, portanto, de um movimento que “*pode ocorrer no interior de povos e entre povos para os quais [...] o capital ainda não deveio de forma alguma o fundamento da produção*”.<sup>69</sup> Sendo assim,

Apenas formulada como D–M–D’, a circulação do capital poderia muito bem representar a mera acumulação do capital comercial inclusive em sua forma pré-capitalista, isto é, o processo de comprar para vender mais caro, que não implica alterar as condições da produção mesma das mercadorias. Dito de outra forma, a fórmula D–M–D’ não apreende a especificidade da produção capitalista; não apreende sua distinção em relação às formas historicamente anteriores que se combinavam com o capital comercial. Não bastava, portanto, inverter as expressões e deduzir o capital industrial da mera autonomia formal do dinheiro.<sup>70</sup>

Vale aqui a observação marxiana realizada no interior da discussão sobre “Gênese e essência do dinheiro”. Lá, Marx afirma que “será necessário, mais tarde, antes de abandonar essa questão, corrigir o modo idealista de exposição que produz a aparência de que se trata simplesmente das determinações conceituais e da dialética desses conceitos”.<sup>71</sup> Por “modo idealista de exposição”, o autor alemão entende um modo de expor em que o desenvolvimento conceitual constitui o “demiurgo do real”,<sup>72</sup> capaz de autodeterminar-se e autorrealizar-se, de modo que o movimento lógico seria, ao mesmo tempo, movimento histórico, pois autogestor da própria realização enquanto processo histórico e real.<sup>73</sup> Tal pressuposição é, evidentemente, inadmissível a uma exposição de caráter materialista, na qual movimento lógico e movimento

<sup>69</sup> Ibidem, p. 195 (grifos no original).

<sup>70</sup> GRESPAN, 2024, p. 13.

<sup>71</sup> MARX, 2011 [1857-8], p. 100 (modif.).

<sup>72</sup> MARX, 2025 [1890], p. 74

<sup>73</sup> Isso só seria possível na filosofia hegeliana, uma vez que, segundo Marx, Hegel supostamente haveria caído “na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento”, concepção segundo a qual “o movimento das categorias aparece como o ato de produção efetivo” e “cujo resultado é o mundo”. Aqui, portanto, “o pensamento conceitualizante é o ser humano efetivo”. Contrapondo Hegel, Marx irá dizer que “a totalidade concreta, como totalidade de pensamentos, como um concreto de pensamentos, é de fato um produto do pensar, do conceber”, mas “não é *de modo nenhum* o processo de gênese do próprio concreto”. “O sujeito real permanece subsistindo, agora como antes, em sua autonomia fora do cérebro”. MARX, 1974 [1857-8], pp. 122-123 (grifos no original).

histórico são logicamente distintos e, portanto, devem ser articulados separadamente para criar as condições em que a “vida da matéria”, isto é, o movimento real da história, possa ser apreendido, adequadamente espelhado na cabeça humana.<sup>74</sup> Por “material”, entende-se aqui tudo aquilo que tem força de transformação real. Nesse sentido, uma exposição de cunho materialista seria aquela cujos conceitos, categorias e movimentos representam adequadamente processos de transformação real.

Contudo, tal problema não ocorre a Marx. Pode-se especular que isso se deve ao fato de que, logo após introduzir as determinações do movimento D–M–D’, passa-se à análise da mercadoria que medeia o circuito D–M–D’, a saber, a mercadoria força de trabalho. Como é sabido, o possuidor de dinheiro, agora efetivamente capitalista, recebe “o trabalho como atividade que põe valor, como trabalho produtivo; *i.e.*, recebe a força produtiva que conserva e multiplica o capital e que, com isso, devém força produtiva e força reprodutiva do capital”.<sup>75</sup> Essa determinação é, do ponto de vista da exposição materialista, fundamental, dado que “sempre que o trabalhador enquanto tal tem *valor de troca*, o *capital industrial* enquanto tal não pode existir e, portanto, de forma alguma pode existir o capital desenvolvido”.<sup>76</sup> Modo de dizer que, somente quando o trabalhador encontra-se desacorrentado das relações de dependência pessoal – portanto juridicamente livre – e carente de qualquer outra mercadoria para alienar, o valor devém fundamento da produção, pois depara-se necessariamente com a própria força de trabalho na forma de mercadoria, seu trabalho na forma de trabalho assalariado.<sup>77</sup> A especificidade histórica do modo de produção capitalista estaria, portanto, apreendida. Porém, isso tão somente significaria que tal especificidade histórica é apreendida após a introdução da categoria força de trabalho, mas não antes. Assim, o movimento expresso por D–M–D’ permaneceria uma representação inadequada da peculiaridade histórica da produção capitalista, e esse momento da exposição um resíduo do “modo idealista de exposição”. Apesar disso, historicamente, as leituras da transformação do dinheiro em capital negligenciaram a inadequação de D–M–D e privilegiaram em muito a introdução da mercadoria força de trabalho.

---

<sup>74</sup> MARX, Karl. 2025 [1890], p. 74 e MÜLLER, 2024 [1982], pp. 55-56.

<sup>75</sup> MARX, 2011 [1857-8], p. 213.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 227 (grifos no original).

<sup>77</sup> Essa colocação encontra seu correspondente em *O Capital*: “O que caracteriza a época capitalista, portanto, é que a força de trabalho assume, para o próprio trabalhador, a forma de uma mercadoria que pertence a ele, que, por conseguinte, seu trabalho assume a forma de trabalho assalariado”, MARX, 2025 [1890], p. 704.

## 2.2. *Urtext*, *Manuscrito de 1861-3* e inflexão teórica

Por volta de maio de 1858, Marx encerrava o manuscrito de 1857-8. Era preciso agora preparar o material para o prelo. Assim, em fevereiro, ele já procurava um editor em Berlim disposto a publicar seu trabalho em fascículos.<sup>78</sup> Contudo, não apenas o texto não foi publicado nesse formato, mas em uma brochura, como tampouco naquele ano, mas apenas no ano seguinte. Seus inimigos de sempre – os problemas de saúde e a miserável condição econômica – o impossibilitaram de trabalhar extensivamente em qualquer coisa. Só lhe foi possível, entre agosto e outubro, lapidar o “capítulo do dinheiro” e os princípios do “capítulo do capital”, do qual nos resta apenas o fragmento sobrevivente do *Texto original (Urtext)* de *Para a crítica*.

Nele, podemos ver a mudança da posição marxiana acerca da função do dinheiro como meio de pagamento, bem como uma maior precisão sobre o lugar, na exposição, da transformação do dinheiro em capital. Embora o tópico da “transformação do dinheiro em capital” propriamente dito continue, assim como antes, dentro do capítulo do capital, um outro tópico intitulado “transição para o capital”, imediatamente anterior à “transformação do dinheiro em capital” foi introduzido ao final do capítulo dedicado ao dinheiro. Trata-se, à sua maneira, do reconhecimento do caráter transitório da transformação do dinheiro, posicionando-a, literalmente, no limite de cada capítulo. Essa ambivalência é também expressa na diferença entre títulos: enquanto na edição final de *Para a crítica* o capítulo fora nomeado “O dinheiro ou a circulação simples” – cujo título alternativo deixa claro que aqui o dinheiro é exposto enquanto objeto exclusivo da esfera de circulação, e não como forma fenomênica do capital –, o *Urtext* vale-se do título mais ambíguo “O dinheiro”, muito próprio de um capítulo que planejava abordar o dinheiro não apenas nos limites da circulação simples, mas de sua transição para o capital.

Essa é, no entanto, no que tange a transformação do dinheiro em capital, uma das poucas diferenças do *Urtext* em relação aos *Grundrisse*. É certo que, no *Texto original* de *Para a crítica*, por conceber o dinheiro enquanto meio de pagamento como a “combinação dialética”<sup>79</sup> do dinheiro nas funções de medida de valor e meio circulante,<sup>80</sup> as relações no interior da circulação simples puderam ser expressas de forma mais complexa, incidindo, portanto, no movimento da exposição. Agora, a relação entre capitalistas e trabalhadores poderia ser caracterizada “entre um

<sup>78</sup> MARX; ENGELS, 2020, pp. 116-117.

<sup>79</sup> GRESPAN, 2024, p. 14.

<sup>80</sup> MARX, 2024 [1858], p. 180.

tipo de devedor, que paga o salário ao final do mês, depois de receber o serviço que comprou, e um tipo de credor, que vive da promessa de receber o dinheiro devido ao trabalho que vendeu”, mantendo, portanto, a aparência da troca de equivalentes, de modo que “a condição histórica de despojamento de que surge a mercadoria força de trabalho não precisaria ser introduzida como um fator externo à circulação simples”.<sup>81</sup> Apesar disso, assim como antes, permanecia o problema da transição para o capital: a representação D–M–D’ ainda não apreendia a especificidade histórica da produção capitalista. Em verdade, sequer é possível dizer em absoluto que Marx reconheceu a dificuldade enquanto redigia o *Urtext*; entretanto, o fato de tê-lo abandonado em prol de novos estudos relativos ao tema do capital nos dá indícios de que esse tenha sido o caso. E, ou na primavera de 1859, logo após Jenny terminar de copiar o manuscrito definitivo de *Para a crítica*,<sup>82</sup> ou no verão de 1861, logo antes de começar a redação do *Manuscrito de 1861-3*, o autor alemão escrevia o *Esboço do plano do capítulo do capital* para a continuação de *Para a crítica*.<sup>83</sup>

#### Plano preliminar para o capítulo do capital

##### I) O processo de produção do capital.

##### 1) Transformação do dinheiro em capital.

##### α) Transição. [...]

##### β) Troca entre mercadoria e capacidade de trabalho. [...]

##### γ) Processo de trabalho [...]

##### δ) O processo de valorização. [...]

##### 2) O mais-valor absoluto. [...]

##### 3) O mais-valor relativo. [...]

##### α) Cooperação das massas. [...]

##### β) Divisão do trabalho. [...]

##### γ) Maquinaria. [...]

##### 4) A acumulação primitiva. [...]

##### 5) Trabalho assalariado e capital. [...]

##### II) A circulação do capital. [...]

##### III) Capital e lucro. [...]

##### Miscêlanea.<sup>84</sup>

<sup>81</sup> GRESPAN, 2024, p. 15.

<sup>82</sup> MARX; ENGELS, 2020, p. 133.

<sup>83</sup> A datação do *Esboço* provém do aparato da MEGA<sup>2</sup> II.2, p. 406.

<sup>84</sup> *Ibidem*, pp. 256-263.

Ora, em Marx, o processo de escrita é também processo de investigação, e os planos de redação expressam certa consolidação das percepções obtidas durante a produção do material.<sup>85</sup> Assim, é provável que a concepção marxiana da transição do dinheiro ao capital como um momento transitório na exposição tenha sido alcançada durante a redação do *Urtext*. O item “α) Transição” exprime essa consolidação. Por seu turno, o próximo plano de redação, escrito no interior das chamadas *Teorias mais-valor* – logo, depois de repensar a transformação do dinheiro em capital no *Manuscrito de 1861-3* –, reafirma essa percepção ao posicioná-la entre a esfera de circulação e a esfera de produção, algo que será mantido em *O Capital*:

1. Introdução. Mercadoria. Dinheiro.
2. Transformação do dinheiro em capital.
3. O mais-valor absoluto. [...]
4. O mais-valor relativo. [...]
5. Combinação de mais-valor absoluto e relativo. [...]
6. Reconversão do mais-valor em capital. Acumulação primitiva. Teoria colonial de Wakefields.
7. Resultado do processo de produção. [...]
8. Teorias do mais-valor.
9. Teorias do trabalho produtivo e improdutivo.<sup>86</sup>

Todavia, como era habitual para Marx, as novas pesquisas cresceram exponencialmente, superando em muito a extensão do manuscrito de 1857-8. As quase 1.500 páginas por ele escritas entre agosto de 1861 e julho de 1863 ocuparam 23 cadernos de anotações – daí que o *Manuscrito de 1861-3* também ficou conhecido como o segundo esboço de *O Capital* –, sendo a transformação do dinheiro em capital o tópico tratado nesses primeiros cadernos. Aqui, destacam-se dois pontos: em primeiro lugar, diferentemente dos manuscritos anteriores, no qual o circuito D–M–D é derivado do desenvolvimento ulterior das categorias, em especial do dinheiro, parte-se dele como dado. Em segundo lugar, salta aos olhos que este é descrito como o movimento em que “mercadorias são compradas para ser vendidas mais caro, ou, em outras palavras, compra-se mais barato do que se vende”.<sup>87</sup> Noutras palavras, a essa altura, Marx certamente tinha ciência da deficiência teórica de D–M–D’. Assim, como que antecipando-se à objeção, ele parte do suposto que esta fórmula representa só, e tão somente, a circulação do

<sup>85</sup> DE DEUS, 2015, p. 939.

<sup>86</sup> MARX, 1980 [1862], pp. 407-408 (modif.).

<sup>87</sup> MARX, 2010 [1861-1863], p. 22.

capital comercial pré-capitalista. Entretanto, essa associação não duraria muito tempo, pois, algumas páginas depois, somos introduzidos às “Dificuldades provenientes da natureza do valor etc.”.<sup>88</sup>

Formulação primeira das “Contradições da fórmula geral”, nas “Dificuldades” o problema da transformação do dinheiro em capital é enfrentado frontalmente. Tais dificuldades se resumem ao fato de que “a forma D–M–D – o valor que entra novamente na circulação, nela se conserva e valoriza – parece absolutamente incompatível com a natureza do dinheiro, da mercadoria, do valor e da própria circulação”;<sup>89</sup> isso porque, “se em D–M–D, tanto no ato D–M como no ato M–D, equivalentes são trocados uns pelos outros, como pode resultar mais dinheiro do processo do que entrou?”.<sup>90</sup> Do mesmo modo que fará em *O Capital*, Marx esbarra proposital e repetidamente nesta aporia para provar que “o mais-valor ou a autovalorização do valor, não pode surgir da troca, da circulação. Por outro lado, o valor que como tal gera valor só pode ser um produto da troca, da circulação, pois somente na troca ele pode atuar como valor de troca”.<sup>91</sup> Embora a famosa conclusão antitética não seja aqui enunciada – a saber, “capital não pode, portanto, originar-se da circulação e tampouco pode não se originar da circulação. Deve, ao mesmo tempo, originar-se e não se originar dela”<sup>92</sup> –, tal estratégia lhe permite demonstrar a impossibilidade de se gerar mais-valor tanto exclusivamente dentro quanto exclusivamente fora da circulação de mercadorias: as formas pré-capitalistas de circulação do capital. Nesse sentido, ao associar D–M–D ao capital comercial pré-capitalista, o *Manuscrito de 1861-3* apresenta o estudo da “forma<sup>93</sup> mais geral do capital” como a gradual dissolução dessa identidade, como se a única forma possível de prestar contas à sua antiga formação fosse submetendo-a ao escrutínio máximo. Não por acaso, Marx termina esta investigação justamente com descrições acerca das

<sup>88</sup> Reichelt assinala que mudanças no modo de exposição devem estar acompanhadas de mudanças na concepção do objeto; do contrário, não haveria motivo para mudanças na exposição em primeiro lugar. REICHELTL, 2011 [2008], p. 67. A introdução deste novo momento a transformação do dinheiro em capital exprime, portanto, a mudança de concepção de Marx do objeto transição para o capital. Nesse quesito, mais limitado é Rosdolsky, para quem a transformação do dinheiro em capital como expressa nos *Grundrisse* “é a mesma que conhecemos do primeiro tomo de *O Capital*. A diferença é que ali a solução aparece em forma acabada, omitindo-se os passos intermediários que conduzem a ela, enquanto aqui podemos observá-la, por assim dizer, *in statu nascendi* [em estado de nascimento]. [...] Seria vão opor a solução de *O Capital*, aparentemente mais ‘realista’, à variante mais ‘metafísica’ que aparece nos *Grundrisse*. Ambas resultam do método dialético de Marx e devem ser aceitas ou rechaçadas como tais. A diferença está no modo de exposição”. ROSDOLSKY, 2001 [1968], p. 169.

<sup>89</sup> MARX, 2010 [1861-1863], p. 32.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>92</sup> MARX, 2025 [1890], p. 197.

<sup>93</sup> Em todos os manuscritos preparatórios, Marx refere-se aos circuitos M–D–M e D–M–D’ como “formas” e não “fórmulas”.

formas pré-capitalistas do capital – o capital comercial e o capital usurário –, diferenciando-as do capital industrial. Feito isso, ele passa, como já havia feito nas elaborações anteriores, ao estudo da mercadoria que medeia o movimento D–M–D, descrita aqui mais precisamente como a “*capacidade de trabalho viva*”;<sup>94</sup> porém, o problema que havia, em maior ou menor grau, interrompido a continuação de *Para a crítica* já estava resolvido.

### 2.3. O capítulo IV e a MEGA<sup>2</sup>

O problema da transformação do dinheiro em capital não existe senão em seus manuscritos preparatórios. Quando veio à luz no capítulo IV de *O Capital* – única das formulações publicada em vida por Marx –, a dificuldade já se encontrava resolvida. Algumas modificações, no entanto, são dignas de menção. Se, em termos de disposição, a passagem se dava de forma literal no *Urtext*, dispondo a transição para o capital nos limites do capítulo do dinheiro e do capítulo do capital, em *O Capital* tal passagem é concedida, em 1867, um capítulo próprio, e, em 1871-2, uma seção própria.<sup>95</sup> Trata-se, evidentemente, de outra estratégia para representar um momento que se encontra no limiar entre a esfera de circulação e a esfera de produção. Por outro lado, acompanhando o *Manuscrito de 1861-3*, o circuito D–M–D deixou de ser explicitamente derivado do desenvolvimento do dinheiro. Ao contrário, tal desdobramento agora é rapidamente resumido nos primeiros parágrafos do texto: nos é dito que “a circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital” e, se abstrairmos “o conteúdo material da circulação de mercadorias, o intercâmbio dos diferentes valores de uso”, e considerarmos “apenas as formas econômicas engendradas por esse processo, então encontraremos como seu produto último o dinheiro”, mais precisamente, o dinheiro como capital.<sup>96</sup> Por sua vez, diferentemente do *Manuscrito de 1861-3*, quando Marx primariamente acertava contas consigo mesmo, a princípio é presumida a adequabilidade da “fórmula geral do capital” – D–M–D’ – na representação da especificidade histórica do modo de produção capitalista. De fato, não poderia ser diferente, uma

<sup>94</sup> MARX, 2010 [1861-1863], p. 49 (grifos no original).

<sup>95</sup> Cf. página 1. Segundo os *Ergänzungen und Veränderungen zum ersten Band des „Kapitals“ (Dezember 1871-Januar 1872)* [Acréscimos e alterações ao primeiro volume de *O Capital* (Dezembro de 1871-Janeiro de 1872)], as alterações da primeira para segunda edição de *O Capital* referentes ao capítulo IV limitam-se a clareza de estilo e correção de expressões infelizes, contendo um ou outro acréscimo, como a nota de rodapé citada na nota 77.

<sup>96</sup> MARX, 2025 [1890], p. 183. A opção marxiana por um resumo ao invés do delineamento deste desenvolvimento levou alguns comentadores, como Heinrich, a argumentar que Marx inadvertidamente “favoreceu interpretações [...] que contrapõem economia de mercado e capital como instâncias separadas”, isto é, leituras que enxergam na passagem da esfera de circulação para a esfera de produção uma espécie de ruptura. HEINRICH, 2024 [2004], p. 95.

vez que, em *O Capital*, Marx parte “das sociedades em que domina o modo de produção capitalista”.<sup>97</sup> Sua insuficiência teórica permanece, por conseguinte, encoberta, apenas para ser explicitada nas “Contradições da fórmula geral”. Apesar dessa distinção, os ecos do *Manuscrito de 1861-3*, mais do que aqueles dos *Grundrisse* e do *Urtext*, permanecem audíveis, a exemplo dos economistas lá citados reaparecem aqui, bem como as considerações, agora lapidadas, que encerravam as “Dificuldades provenientes da natureza do valor etc.” também encontraram seu caminho na versão final.

Justamente por existir apenas nos manuscritos preparatórios de *O Capital*, o problema da transformação do dinheiro em capital não seria, em verdade, problema algum, não fosse a publicação das obras completas de Marx e Engels, em especial, a segunda *Marx-Engels-Gesamtausgabe*, em acrônimo, MEGA<sup>2</sup>. Inicialmente concebida na década de 1920 através da colaboração entre o Instituto Marx-Engels (IME), localizado em Moscou e dirigido por David Riazanov, e alguns institutos em Berlim, a primeira MEGA viria a ser interrompida prematuramente na década seguinte, quando do endurecimento do regime soviético – com expurgos que acometeram inclusive pesquisadores do IME – e da ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, com seu antissemitismo e anticomunismo virulento. Não por acaso, o projeto somente viria a renascer – não como uma continuação, mas um projeto independente do primeiro – na década de 1960, após a derrota do nazismo e certa inflexão do regime soviético. A nova MEGA, agora MEGA<sup>2</sup>, levada a cabo inicialmente pelo Instituto Marxismo-Leninismo, antigo IME, localizado agora tanto em Moscou quanto na Berlim Oriental, conheceria um hiato de nove anos após a queda da União Soviética e da República Democrática Alemã em 1989, sendo retomada em 1998 após um período de reorganização institucional e editorial.<sup>98</sup>

Concebida como um projeto de edição histórico-crítico fidedigno das obras completas de Marx e Engels, a MEGA<sup>2</sup> é dividida em quatro seções. A primeira seção diz respeito a todos os textos e manuscritos de Marx e Engels, com exceção daqueles referentes a *O Capital*; todas as versões do *magnum opus* marxiano, bem como seus trabalhos preparatórios, são objetos da segunda seção. A terceira inclui a correspondência tanto enviada quanto endereçada a Marx e Engels. Finalmente, a quarta e última seção contém todos seus extratos, de modo que, contando

---

<sup>97</sup> MARX, 2025 [1890], p. 99.

<sup>98</sup> MUSTO, 2022 [2011].

com todo o aparato crítico incluído na MEGA<sup>2</sup>, tem-se um total de 114 volumes planejados. Destes, a segunda seção, dedicada a *O capital* e seus manuscritos preparatórios, já está concluída. Assim, embora já houvessem sido publicados algumas das obras de Marx aqui usadas na primeira MEGA, a exemplo dos *Grundrisse* e do *Urtext*, publicados entre 1939 e 1941, outras, como o *Esboço do plano do capítulo do capital* e o *Manuscrito de 1861-3*, só foram publicadas integralmente na MEGA<sup>2</sup>, estes em 1980 e 1976-1982 respectivamente.

Por extensão, segue-se que este trabalho, em sua forma atual, pura e simplesmente não existiria, não houvesse um projeto como a MEGA<sup>2</sup>. É certo que a questão da significação filosófica da transformação do dinheiro em capital seria pouco afetada por isso. Ao menos desde Lênin, quando o único manuscrito preparatório de *O Capital* disponível para consulta era a edição de Kautsky das *Teorias do mais-valor*, o caráter transitório – e, portanto, não-redutível às esferas de circulação e produção – da transição para o capital já era ressaltado.<sup>99</sup> Contudo, o empreendimento de reconstrução da transformação do dinheiro em capital não seria possível sem acesso aos seus bastidores e, por conseguinte, a constatação do papel expositivo da aporia mobilizada por Marx nas “Contradições da fórmula geral”. Não por coincidência, essa constatação praticamente inexiste nas leituras da transição para o capital que, por uma razão ou outra, não se ocupam dos primeiros cadernos do *Manuscrito de 1861-3*. Como se só nos apercebêssemos do papel da mencionada aporia em contato com tais trabalhos preparatórios.

---

<sup>99</sup> “Mercadoria – dinheiro – capital – produção do mais-valor absoluto – produção do mais-valor relativo – História do capitalismo e análise dos conceitos que a resumem”. LÊNIN *apud* BENOIT, 1999, p. 82 (modif.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em fins de janeiro de 1860, Engels escrevia a Marx suplicando para que retomasse seu projeto de crítica à economia política. Como já mencionado, a primeira parte, *Para a crítica*, havia sido publicada em junho de 1859 e, no fim daquele mesmo ano, seu amigo engavetava seu trabalho teórico e lançara-se à réplica de calúnias que haviam proferido contra ele. Entre outras coisas, a carta lê:

Sê, ao menos por uma vez, menos exigente no que se refere aos teus próprios trabalhos; sempre serão excelentes para este público miserável. O essencial é que o livro seja escrito e apareça; os mediocres decerto nunca encontrarão as debilidades que a ti te saltam à vista; e se se aproxima um período agitado, de que te servirá que todo o trabalho se veja interrompido antes que tenhas concluído *o capital em geral*? Conheço muito bem todos os outros inconvenientes que se interpõem no teu caminho; mas também sei que a principal causa do atraso provém sempre dos teus próprios escrúpulos.<sup>100</sup>

Vã foi a esperança de Engels. Não somente seu amigo dedicou todo o ano de 1860 a escrever essa réplica, como, na verdade, há muito as debilidades teóricas que saltavam à vista de Marx haviam interrompido seu trabalho. Como observado no segundo capítulo desta monografia, no que tange à transformação do dinheiro em capital, historicamente as leituras privilegiaram, e não sem razão, o último momento da formulação marxiana, a saber, a inserção da mercadoria força de trabalho. Por um lado, é esta a mercadoria cujo consumo do valor de uso permite a criação do valor. Por outro lado, nela, a especificidade histórica do modo de produção capitalista é adequadamente apreendida: o possuidor da mercadoria força de trabalho é transmutado em

---

<sup>100</sup> MARX; ENGELS, 2020, p. 148 (grifos no original).

trabalhador, pois juridicamente livre para vender sua capacidade de trabalho, que se encontra agora na forma de uma mercadoria – seu trabalho, portanto, na forma de trabalho assalariado.

Contudo, como demonstrado, essa aquisição teórica já havia sido obtida ao menos desde 1857-8 quando da elaboração dos *Grundrisse*. Se isso fosse tudo que houvesse a transformação do dinheiro em capital, não seria compreensível por que Marx abandonou a redação do *Urtext* justamente neste momento. Ora, se compararmos a transição para o capital tal qual presente no manuscrito de 1857-8 e em sua versão final presente em *O Capital*, veremos que esta primeira carece de investigações que correspondam às “Contradições da fórmula geral”. De fato, desenvolvendo a hipótese levantada por Grespan em sua “Apresentação” a *Para a crítica*, chegamos à conclusão de que, apenas representada como D–M–D’ – o circuito através do qual é introduzido a mercadoria força de trabalho – a especificidade do modo de produção capitalista não é apreendida, pois tal fórmula poderia igualmente expressar o movimento de comprar para vender mais caro típico do capital comercial pré-capitalista. Era esta a deficiência teórica que atiçou os escrúpulos de Marx. Mesmo que a introdução da mercadoria força de trabalho exprimisse tal especificidade, não era suficiente para satisfazer as exigências de sua concepção de exposição materialista. A solução para este problema, como indicamos, estava na defrontação com a impossibilidade de se produzir mais-valor tanto exclusivamente dentro quanto exclusivamente fora da esfera de circulação: as formas pré-capitalistas de circulação do capital, cuja primeira elaboração remonta aos primeiros cadernos do *Manuscrito de 1861-3*.

Essa reconstrução da transformação do dinheiro em capital que realizamos no segundo capítulo deste texto teve como ponto de partida a formulação final tal como exposta em *O Capital*, cujo panorama desenhamos no primeiro capítulo. Ali, através do debate entre Francisco José Soares Teixeira e Hector Benoit, caracterizamos o papel da dialética, que atravessa não apenas o corpo do texto propriamente dito – expressando filosoficamente o caráter transitório e negativo do capítulo IV –, mas a disposição mesma das partes de *O Capital*. Com efeito, a exposição é dimensão constitutiva da dialética como método e, enquanto tal, põe os momentos que lhe são pressupostos à medida em que são necessários. Daí a importância fundamental de ler *O Capital* em seus próprios termos, isto é, em sua literalidade. A transformação do dinheiro em capital não fora acidentalmente colocada onde se encontra; ela é o resultado do processo engendrado pela obra-prima marxiana, necessário desenvolvimento das antíteses contidas nos

conceitos introduzidos anteriormente a ela. Portanto, ao lado de vários outros, o presente estudo insiste que ainda há filosofia a ser pensada no Marx de *O Capital*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, Honoré de. **A obra-prima ignorada; seguida de, Um episódio durante o Terror**. Trad. de Dorothee de Bruchard e Rejane Janowitz. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012 [1831].

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de *O Capital*. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v.3, n. 3, p. 14-44, 1996. DOI: 10.53000/cma.v3i3.19870. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19870>. Acesso em: 24. Jul. 2025.

\_\_\_\_\_. Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de *O Capital*. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 6, n. 8, p. 81-92, 1999. DOI: 10.53000/cma.v6i8.19791. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19791>. Acesso em: 29 jul. 2025.

\_\_\_\_\_. O negativo em Marx. V **Colóquio Internacional Marx/Engels**, Campinas, 2007. Disponível em: [https://unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao3/hector\\_benoit.pdf](https://unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao3/hector_benoit.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.

DE DEUS, Leonardo Gomes. Marx em tempos de MEGA: os planos e o plano de O Capital. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, Brasil, v. 45, n. 4, p. 927–954, 2015. DOI: 10.1590/0101-416145428lgd. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ee/article/view/52125>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ENGELS, Friedrich. Comentários sobre a *Contribuição à crítica da economia política*, de Karl Marx. In: MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008 [1859].

FAUSTO, Ruy. **Sentido da dialética**: (Marx: lógica e política) : tomo I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015 [1983].

GRESPLAN, Jorge. Apresentação. In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2024 [1859].

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 [1807].

HEINRICH, Michael. **Introdução a *O Capital* de Karl Marx**. Trad. César Mortari Barreira. São Paulo: Boitempo, 2024 [2004].

LAFARGUE, Paul. Reminiscences of Marx. In: INSTITUTE OF MARXISM-LENINISM. **Reminiscences of Marx and Engels**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1956.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo/Rio de Janeiro: Boitempo/Ed. UFRJ, 2011 [1857-1858].

\_\_\_\_\_. Texto original [*Urtext*]. In:\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2024 [1858].

\_\_\_\_\_. Para a crítica da economia política. In:\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros escritos (Col. Os Pensadores XXXV)**. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1974 [1859].

\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. Manuscrito de 1861-1863 (cadernos I a V). Terceiro capítulo – O capital em geral. Trad. Leonardo de Deus. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 [1861-1863].

\_\_\_\_\_. **Teorias da mais-valia**: História crítica do pensamento econômico. (Livro 4 de *O capital*). Volume I. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980 [1862].

\_\_\_\_\_. **O Capital**: Crítica da economia política, Livro I – O processo de produção do capital. Trad: Flávio R. Kothe e Regis Barbosa. São Paulo: Ubu Editora, 2025 [1890].

\_\_\_\_\_. Ökonomische Manuskripte und Schriften 1858-1861. In: **MEGA<sup>2</sup> II.2**. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1980.

\_\_\_\_\_. Ergänzungen und Veränderungen zum ersten Band des „Kapitals“ (Dezember 1871-Januar 1872). In: **MEGA<sup>2</sup> II.6**. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Briefwechsel zwischen Marx und Engels. In: **MEW (Marx-Engels-Werke) Band 35**. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1967.

\_\_\_\_\_. Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels 1861-1867. In: **MEGA<sup>1</sup> III.3**. Glashütten im Taunus: Verlag Detlev Auvermann KG, 1970.

\_\_\_\_\_. Briefwechsel April 1856 bis Dezember 1857. In: **MEGA<sup>2</sup> III.8**. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1990.

\_\_\_\_\_. Briefwechsel Januar 1858 bis August 1859. In: **MEGA<sup>2</sup> III.9**. Berlin: Akademie Verlag, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cartas sobre *O Capital***. Trad. Leila Escorsim. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MÜLLER, Marcos Lutz. Exposição e método dialético em *O Capital*. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio filosóficos I**. Campinas, SP: Editora Phi, 2024 [1982].

MUSTO, Marcello. A odisséia da publicação dos escritos de Marx e as novas descobertas da MEGA<sup>2</sup>. In: \_\_\_\_\_. **Repensar Marx e os marxismos: guia para novas leituras**. Trad. Diego Silveira. São Paulo: Boitempo, 2022 [2011].

\_\_\_\_\_. **Karl Marx: biografia intelectual e política (1857-1883)**. Trad. Rita Coitinho. São Paulo: Expressão Popular, 2024 [2018].

REICHELT, Helmut. Que método Marx ocultou?. Trad. Luciano C. Martorano. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 18, n. 33, p. 67–82, 2011 [2008]. DOI: 10.53000/cma.v18i33.19315. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19315>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O Capital* de Karl Marx**. Trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2001 [1968].

RUGITSKY, Fernando. Uma introdução a *O Capital*. In: MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política, Livro I – O processo de produção do capital**. Trad: Flávio R. Kothe e Regis Barbosa. São Paulo: Ubu Editora, 2025 [1890].

TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx: uma leitura crítico-comentada de *O Capital***. São Paulo: Ensaio, 1995.

WHEEN, Francis. **O Capital de Marx: uma biografia**. Trad. Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007 [2006].